

Tipo raro de HIV é comum no Amazonas

30/5/98
JB

12

■ Metade dos portadores tem variante F do vírus da Aids, revela estudo da Fiocruz

ALEXANDRE MANSUR

A epidemia de Aids no estado do Amazonas tem características inéditas no Brasil e, provavelmente, no mundo. É o único lugar do país onde o subtipo F do vírus HIV é tão comum quanto a variante B, a mais conhecida. O tipo F, extremamente raro no mundo, é pouco estudado. Inclusive a eficácia do coquetel usado contra a doença nunca foi testada para ele.

A novidade é o primeiro resultado de uma pesquisa da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) com o Instituto de Medicina Tropical, de Manaus. Os pesquisadores coletaram amostras de pessoas portadoras do vírus e constataram que 50% estavam contaminados pelo subtipo B e 50% pelo F.

“É a maior incidência do tipo F já encontrada no Brasil”, afirmou a geneticista Ana Carolina Vicente, da Fiocruz, que coordenou o estudo com Amílcar Tanuri, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Das dezenas de subtipos do vírus, o F é um dos mais raros. “Ele praticamente só é encontrado no Brasil, na Romênia e em um país africano. Nos outros lugares, houve apenas casos isolados”, contou Ana Carolina.

A descoberta é importante porque

os remédios atualmente usados para combater a doença, que compõe o coquetel de drogas, não têm eficácia comprovada contra o tipo F. “Todos os testes foram feitos em países onde há predominância do tipo B. Será que essas drogas fazem efeito contra o tipo F?”, lembra a geneticista.

“Alguns pacientes com o subtipo F podem tomar o coquetel e ter uma queda na carga viral. Mas não sabemos se alguns dos remédios são inócuos”, explicou Ana Carolina. Para descobrir tudo isso, os pesquisadores estão agora acompanhando a evolução dos pacientes de Manaus contaminados com subtipo F que começam o tratamento com o coquetel.

Mais do que razões étnicas ou climáticas, o caso do Amazonas pode ser explicado pela própria evolução da doença. “Provavelmente, os dois tipos, B e F, foram introduzidos ao mesmo tempo no estado. Nos outros lugares do país, o tipo B teria entrado bem antes”, disse Ana Carolina.

Nos estados do Rio e de São Paulo, cerca de 20% dos portadores do HIV têm o subtipo F, o que já é considerado uma incidência alta. “Em Belém, sabemos informalmente que a distribuição é parecida com a do resto do país”, afirmou a pesquisadora.